



## Santo Agostinho e o autoconhecimento

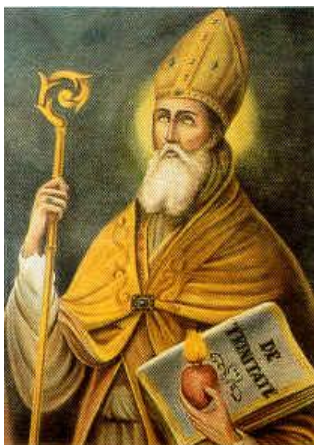
Astrid Sayegh

*Assim como sei que sou,  
sei também que me conheço.*<sup>1</sup>  
Agostinho

Toda a trajetória humana consiste em uma busca progressiva de respostas, na qual o homem procura superar a si mesmo em meio aos conflitos existenciais em direção à almejada verdade libertadora. Efetivamente, importa em um primeiro momento questionar: como se chegar a essa verdade? E ainda, o que é a verdade?

Ao se questionar qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal, Santo Agostinho responde em *O Livro dos Espíritos: Um sábio da Antigüidade vos disse: "Conhece-te a ti mesmo"*.<sup>2</sup> Tal aforismo, já inscrito no oráculo de Delfos, nos leva inicialmente a entender que a libertação e alegria do Espírito não consistem em um *estado*, mas em um *processo* de busca da verdade em si mesmo, o qual define-se, consoante a pedagogia socrática, em dois momentos: a *ironia* e a *maiêutica*.

Através da *ironia*, ou arte da interrogação, Sócrates levava o discípulo a afastar toda idéia falsa ou ilusão que tivesse do mundo e sobre si mesmo, induzindo-o a chegar à verdade por si mesmo. Tal procedimento visa inicialmente pôr a descoberto a vaidade, desmascarar a impostura e seguir a verdade. Ao atacar os cânones oficiais, a ironia socrática parece ter uma feição negativa e revolucionária, no entanto, esse primeiro momento do processo de autoconhecimento é autêntico, uma vez que visa à purificação da alma por via da expulsão de idéias obscuras e ilusórias que esta possui sobre si e que na verdade distanciam a alma de si mesma.



*A melhor maneira de promover o autoaperfeiçoamento, afirma Sócrates, é por meio do autoexame, e é apenas através deste reencontro consigo mesmo que se torna possível o renascer da própria consciência, a parturição, ou seja, o trazer à luz as próprias idéias. Apenas aquilo que é decidido de dentro para fora é autêntico e pode nos libertar. Efetivamente, a posse da verdade consiste em uma operação não apenas vital, mas pessoal, em que a forma interrogativa ou dialética permite ao discípulo relembrar a verdade adormecida em sua alma.*

<sup>1</sup> — Galilée — *Aspects de son vie et de son oeuvre* — ob. Coletiva — P.U.F. p. 334

<sup>2</sup> — KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, perg. 919

É assim que Agostinho de Hipona nos descreve o itinerário dessa busca de autoconhecimento diante de tantos conflitos existenciais que afligiam sua alma quando, dilacerado pelas vaidades e paixões, desperta para as verdades cristãs. Em Tagaste, entrega-se à vida monástica e, nessa ocasião, escreve *Confissões*, obra na qual dedica-se a perscrutar o abismo da consciência humana, mas o faz também em sua própria consciência. Agostinho inicia assim essa trajetória inicialmente conflitante buscando estabelecer a distinção entre o bem e o mal, para então inverter seu olhar da realidade mundana à interioridade, em uma conversão de valores. Da mesma forma, Allan Kardec questiona aos Espíritos *como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral*, ao que respondem: — *dando a compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher*<sup>3</sup>. Percebe-se deste modo, no itinerário do filósofo intelectual ao religioso, a importância do raciocínio analítico que necessita distinguir o bem e o mal, para então, através do livre-arbítrio, iniciar pela via ascendente da verdade. Por verdade, da mesma forma que a Filosofia Espírita, Agostinho afirma o bem como a única realidade positiva, na medida em que o mal consiste em uma privação, decorrente do mau uso da liberdade: *procurei o que é o mal, e verifiquei que não é substância, mas perversidade de uma vontade que se afasta da substância suprema — de Vós, meu Deus — na direção das coisas inferiores*<sup>4</sup>.

Se Sócrates nos trouxe, pela primeira vez na história do pensamento, um método de conhecimento que daria origem à autoridade da ciência e a autenticidade dos valores morais, já Agostinho que, sem dúvida recomendou esse método, foi quem na verdade explorou essa busca de interioridade e a exemplificou em si mesmo, pois sempre buscou mergulhar dentro de si e conscientizar-se de seus erros e defeitos, conforme expõe de forma autêntica em *Confissões*:

*Quero recordar as minhas torpezas passadas, as corrupções de minha alma, não porque as ame, ao contrário, para te amar, ó meu Deus. É por amor do teu amor que retorno ao passado, percorrendo os antigos caminhos dos meus graves erros.*<sup>5</sup>

Efetivamente, após tantos conflitos interiores, o bispo de Hipona busca esse auto-exame de seu passado, busca essa interrogação ou *ironia* socrática, questionando a si mesmo, não por alguma motivação exterior a si, mas antes como uma forma de amar e exaltar a Deus. Como amar a Deus plenamente sem uma libertação da própria consciência que se julga? Eis aqui a moral autônoma que nos ensina a pedagogia espírita, na medida em que o Espírito se autolegisla, visando uma libertação da sua própria consciência. Daí o papel decisivo da memória no processo de autoconhecimento, pois *é na memória que eu me encontro comigo mesmo*, escreve Agostinho, *que me lembro de mim mesmo, as coisas que fiz, a época e do lugar em que as fiz, do que sentia ao fazê-las*<sup>6</sup>.

O despertar para o amor impele Agostinho à sinceridade consigo próprio e para com Deus, pois à medida que o ser eleva-se moralmente, não mais se satisfaz em enganar a si mesmo. Por isso, quando resignados e elevados, a visão do passado constrangedor pede por manifestar-se como uma forma de libertar-se

<sup>3</sup> — KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, perg. 780-a

<sup>4</sup> — Galiléu — *Aspects de sa vie e de son oeuvre* — ob. coletiva — P.U.F. p.114

<sup>5</sup> — AGOSTINHO, Santo. *Confissões* p.43 (O grifo é nosso)

<sup>6</sup> — FAURE, Paul — *La Renaissance* — ps. 109 e 110

a si mesmo. A consciência autônoma só se liberta quando depara consigo mesma e se aceita. *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*<sup>7</sup>, afirma o amoroso mestre. O amor a Deus é impossível sem a autenticidade da alma para consigo mesma. Não basta à consciência a recompensa exterior farisaica. Recordar primeiramente consiste em apresentar-se à *deusa*<sup>8</sup> do passado, segundo alegoria platônica, para então viver um presente consciente em função do futuro libertador.

*A recordação é amarga, afirma Agostinho, mas espero sentir tua doçura, doçura que não engana, feliz e segura, e quero recompor minha unidade depois dos dilaceramentos interiores que sofri quando me perdi em tantas bagatelas, ao afastar-me de tua **Unidade**.*<sup>9</sup>

Ao infringir o senso moral, à lei imanente ao Espírito, é como se nos distanciássemos da verdade, é como se dilacerássemos, pela vaidade, torpezas e conflitos interiores, a unidade do amor que caracteriza a nossa essência. E esse rompimento com a unidade desvia o Espírito de sua natureza substancial, dispersando-o na contemplação exaustiva do mundo sensível.

É assim que Jesus já exaltara essa unidade, antes de partir para seus derradeiros momentos, quando ora ao Pai para que todos sejam Um com ele. A empatia feliz, a doce comunhão em espírito, com o Pai e com o próximo, eis o sentido definitivo da existência. Eis a oração do amoroso mestre pela união de todos os homens de fé em Deus:

*Para que todos sejam um, assim como tu, Pai estás em mim e eu em ti para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me destes, para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim.*<sup>10</sup>

Esta consciência da unidade só pode se dar na plenitude do Espírito que ama e que, portanto transcende a dilaceração do *homem velho*, segundo palavras de apóstolo Paulo, alienado de si pelas coisas do mundo. Nesse contato com o espírito imanente que vivifica, o ser é arrebatado por uma necessidade irresistível de comungar elevados sentimentos com Deus e com o outro. A simpatia dos Espíritos entre si é possível pelo fato de todos se identificarem em natureza, porquanto possuem a mesma origem: o Ser único, uno e universal. A unidade mantém a força de atração, e nessa atração revela-se a lei do amor, sublime imperativo, que quando vivenciado plenamente há de *substituir a personalidade pela fusão dos seres*.<sup>11</sup> Amar a Deus e ao próximo é alegrar-se pela vivência da unidade em espírito. *Aquele que se une ao Senhor torna-se um só espírito com ele*.<sup>12</sup>

Plotino, cujo pensamento muito influenciou Agostinho, já exaltara a missão própria da alma: restabelecer a unidade original das coisas, reconduzindo-as todas ao Um. As etapas desse processo de retorno consistem na *ascese*, na qual,

<sup>7</sup> — Jo 8:32

<sup>8</sup> — PLATÃO, O Mito de Herr, em *A República*

<sup>9</sup> — AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. P. 43 (O grifo é nosso)

<sup>10</sup> — Jo, 17:21.

<sup>11</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cit. XI, 8.

<sup>12</sup> *I Cor.* 6:17.

em um primeiro momento a alma liberta-se dos sentidos pelo exercício da virtude. Em um segundo momento a *contemplação*, que consiste no conhecimento do Um mediante a filosofia. E por último o *êxtase*, onde a alma supera o conhecimento filosófico, no ato de contemplar o Um ela é tomada de uma alegria inefável.

Se considerarmos ainda o ponto de vista da religiosidade espírita, essa unidade, porém não é estática, nem meramente quantitativa, mas varia segundo o grau evolutivo, qualitativo do Espírito; quanto maior o grau de pureza, quanto mais expressiva a moralidade, maior a coesão entre os indivíduos. A visão meramente contemplativa não basta para a identificação com o Ser, pois o Espírito consiste em uma natureza dinâmica, criativa, e nesse contato autêntico com a unidade o indivíduo se vê impelido a exteriorizá-la, a gerar, a criar, a doar, pela força de todas as forças, a força de coesão do amor. Eis a caridade então, como forma desta *unidade* manifestar-se na *pluralidade* de seres. Desta forma é na comunhão interior com os demais seres que nós, Espíritos particulares revelamos, comungamos na unidade do espírito universal, mas como consciências ativas e perenes.

Com efeito, o célebre *Conhece-te a ti mesmo* não consiste apenas na consciência de erros, defeitos e limitações; *conhece-te a ti mesmo* no que possuis de infinito, ou de potencialidades da verdade divina que te habita. Eis a *maiêutica*. O *trazer à luz* a interioridade, não apenas como um meio, mas o fim último do autoconhecimento.



Adotando a concepção platônica, retomada por Plotino, Agostinho considera as sensações como insuficientes, por nos revelarem o particular e o contingente, o que não pode ser objeto do verdadeiro conhecimento, ao passo que a alma encontra em si mesma o universal e o necessário, o puramente inteligível. Se não provém das sensações, como explicar a presença na alma de tais verdades, imutáveis e eternas? Sem dúvida, também para o bispo de Hipona, assim como para a Filosofia Espírita, pode-se

chegar a Deus mediante os índices cosmológicos, por exemplo, através da ordem do Universo e da contingência das coisas: *a harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e fins determinados, e por isso mesmo um poder inteligente*.<sup>13</sup> Mas Agostinho, assim como a Revelação Espírita, encontra indícios muito mais sugestivos da verdade no homem do que no mundo. Ele não procura a solução dos problemas filosóficos na realidade externa, como o fizera Aristóteles e toda a filosofia grega, mas no exame da própria alma.

O que dá originalidade e unidade à sua solução é a perspectiva na qual ele considera os problemas existenciais, perspectiva que é essencialmente interior. Seu princípio inspirador é o seguinte: *Noli foras ire, in teisum redi, in interiore homine habitat veritas*<sup>14</sup> (não saias de ti, volta-te para ti mesmo, a

<sup>13</sup> — KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, perg. 8

<sup>14</sup> — *De Vera religione*, XXXIX, 72.

*verdade habita no homem interior*). E o que é essa verdade para o autor de *Confissões*?

A verdade para Agostinho, não provém do mundo exterior; enquanto imutável e eterna, é o próprio Deus — Cumpre exaltar aqui a eternidade e imutabilidade como sendo, do mesmo modo, atributos da divindade para a Filosofia Espírita<sup>15</sup>. Ao mesmo tempo imanente e transcendente ao homem, Deus só pode ser encontrado no íntimo de cada ser, ao longo de um itinerário, como se vê nas *Confissões*, que conduz do exterior ao interior, e do interior ao superior. Inefável, indizível, *Deus é aquele que é* (ego sum qui sum), a essência ou substância, o ser que é sempre e plenamente aquilo que é. É desta forma que a leitura dos platônicos leva Agostinho a buscar no próprio íntimo a verdade transcendental:

*Instigado por esses escritos a **retornar a mim mesmo**, entrei no íntimo de meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio.*(SL 29,11). *Entre e **com os olhos da alma**, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi **uma luz imutável** (...). Era como se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra. Também não estava acima de minha mente como o óleo sobre a água nem como o céu sobre a terra, mas **acima de mim porque ela me fez**, e eu **abaixo porque fui feito por ela**. Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece, a eternidade. **O amor a conhece**. Ó eterna verdade, verdadeira caridade e querida eternidade!*<sup>16</sup>

Depreende-se de tal evocação que para Agostinho o conhecimento das verdades eternas é obtido por meio da *iluminação* divina e não por meio da reminiscência. Como não admite a preexistência da alma não lhe é possível explicar o conhecimento das verdades eternas senão pela doutrina da iluminação. Sem a iluminação, é possível conhecer a lei, mas é impossível praticá-la ou cumpri-la. A graça, porém, não elimina a liberdade, mas a restaura em sua eficácia, tornando-a capaz de fazer o bem e evitar o mal.

A espiritualidade da alma consiste na busca consciente da substância divina em si mesmo, em transcender os sentidos materiais em busca de um sentido espiritual: a visão interior; a luz a que se refere Agostinho consiste na graça divinal, e que incide na própria alegria do sentimento moral, do amor.

Nesta visão o Espírito confunde-se com a própria luz geradora, conforme alegoria platônica, da qual torna-se a própria manifestação; não se sabe mais se é o sol exterior à caverna ou se é o si mesmo, se sou Eu ou a essência divinal: *Não credes que estou no Pai, e que o Pai está em mim?*<sup>17</sup>. Nesta unidade identificam-se ainda os Espíritos superiores, sob cuja égide vivemos: *já não sou eu, mas o Cristo que habita em mim*<sup>18</sup>, afirma ainda Paulo.

<sup>15</sup> — KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, perg. 13

<sup>16</sup> — AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. P.175 (O grifo é nosso)

<sup>17</sup> — *Jo* 14:10

<sup>18</sup> — *Gal* 2:20

Se para as várias religiões Deus é um ser transcendental, já a Doutrina Espírita exalta antes a imanência de Deus na criação, mensagem fundamental do cristianismo: *Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?*<sup>19</sup>. O espírito divino, enquanto verdade eterna e imutável, habita, desta forma no templo de interioridade de cada um. É possível sim chegar a essa verdade, mas por uma auto-iluminação, esforço e conquista interior. Cada Espírito é uma expressão, um *modo* de ser da presença divina.

Essa imanência revela-se para a consciência que transcende religiosamente, em forma de contentamento interior, pela consciência imediata da Presença interna. Daí a alegria interior dos Espíritos nobres, de *perceber-se* amando, de sentir-se como vivência do espírito divino, no qual *somos e ex-istimos*, fazemos parte e manifestamos.

Essa religiosidade libertadora, portanto, consiste em trazer à luz a verdade, conforme já afirmara o mestre da Antiguidade, temporariamente oculta, tornando-a *visível ao Espírito, pela própria luminosidade interior*. A espiritualidade da alma é, pois, confirmada pelo que ela conhece de si mesma. Quando a alma conhece a si mesma, descobre não apenas seus defeitos, mas que é uma substância divinal individuada, e que enquanto tal está em íntima relação com a verdade.

Vemos assim a trajetória de Agostinho, um homem que amou e sofreu, conheceu o tormento da dúvida e do remorso, que conheceu todas as situações limite que caracterizam a condição humana. Ao mesmo tempo revela-se no filósofo que escrevia com a alma ardente, um religioso que venceu a si mesmo, um Espírito fervoroso e apaixonado, cujo testemunho nos é um exemplo que nos ilumina, que nos aquece interiormente. Eis assim as *Confissões*, obra sempre atual, e que fala não só da experiência gloriosa de Agostinho, mas de todos nós no itinerário do erro à verdade, da busca de si mesmo e de Deus.

---

<sup>19</sup> — *I Cor.* 3:16